
A ótica de redes: peculiaridade instrumental na interpretação das relações internacionais contemporâneas*

José Francisco Rezende Faria Dutra**

RESUMO

Este artigo objetiva abordar a formação de redes como interessante instrumento para se analisar fenômenos transnacionais no âmbito das Relações Internacionais. Para tanto, considera conceitos como transnacionalismo e interdependência complexa e procura compreender as mudanças no papel do Estado na contemporaneidade e suas implicações para a emergência de atores transnacionais no ambiente internacional. Em seguida, procura demonstrar como esses conceitos implicam a articulação de atores dispersos pelo sistema, num possível modo de abordar o fenômeno, por meio da formação de redes transnacionais. Por fim, sugere e justifica tal forma de abordagem como poderoso instrumento metodológico e analítico trazido ao campo das relações internacionais contemporâneas.

Palavras-chave: Transnacionalismo; Interdependência complexa; Redes internacionais.

* Este artigo é parte das reflexões do trabalho de conclusão de curso intitulado "Brasil e tráfico internacional de drogas", orientado pelo prof. Onofre dos Santos Filho e elaborado como pré-requisito para obtenção de grau de bacharel em Relações Internacionais do curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, no término do primeiro semestre de 2003.

** Graduando em Relações Internacionais pela PUC Minas.

O AMBIENTE TRANSNACIONAL

Ao se estudar as Relações Internacionais no mundo contemporâneo, deve-se ter sempre em mente a multiplicidade de atores e estruturas que o compõem. Essa multiplicidade pode ser caracterizada tanto no campo estatal quanto não-estatal, estando os atores em freqüente contato, revelando entre si relação de extrema interdependência. Vislumbra-se como fundamental, para tanto, a existência de um ambiente transnacional deveras complexo como arena para que esse fenômeno possa suceder. Mas o que viria a ser esse ambiente transnacional?

A perspectiva transnacionalista é derivada das análises contemporâneas em Relações Internacionais, que procuram enfatizar a multiplicidade de aspectos por meio dos quais os diversos atores se relacionam no meio internacional visando satisfazer seus interesses. Esses aspectos, quando analisados no âmbito transnacional, surgem, entre os Estados e sociedades, em forma de fluxos, cada qual com seu tema ou questões específicas, tornando os atores cada vez mais interdependentes devido à multiplicidade de temas abordados e ao elevado grau de articulação entre eles. Assim, os atores atuantes no meio internacional não são referenciados, como outrora, de forma exclusivamente geográfica, mas sim de acordo com sua temática específica, podendo um ator envolver-se total ou parcialmente em um ou mais temas, dependendo de seu variável nível de interesse e disponibilidades diante do meio internacional, sempre visando à eficácia de sua ação ao objetivar a satisfação de seus interesses. Dessa forma, o sistema deve ser percebido de forma multidimensional, pois há grande diferenciação entre atores, com variável disparidade entre os princípios norteadores de suas ações, o que influencia diretamente os resultados obtidos no contexto internacional.

Devido à multiplicidade de temas e interesses em jogo nesse contexto, a visão transnacionalista sugere não haver um tema capaz de articular todo o sistema, o que leva à idéia básica contida neste meio de abordagem, de que o ambiente internacional deve ser avaliado de forma dinâmica, como resultado da interação dos diversos atores nos mais variados temas.

A idéia de um ambiente transnacional, segundo Halliday (1999), é derivada da concepção inglesa de sociedade de Estados (ou sociedade internacional), que existe quando um grupo de Estados, conscientes de certos interesses e valores comuns, forma uma sociedade para conceberem a si mesmos como determinados por um conjunto comum de regras em suas relações uns com os outros e compartilham o funcionamento de instituições comuns (BULL *apud* HALLIDAY, 1999, p. 111). A perspectiva transnacionalista amplia o conceito da Escola Inglesa para absorver, em seu interior, os atores não-estatais presentes no sistema. Assim, o termo refere-se à emergência de ações não-estatais de economia, política, de associação, de cultura e de ideologia que transcendem as fronteiras dos Estados e constituem, em maior ou menor medida, uma sociedade que vai além dessas mesmas fronteiras (HALLIDAY, 1999, p. 111).

Decorrente da visão transnacionalista, podemos conceber a teoria de Interdependência Complexa, por meio da qual se pode compreender de forma manifesta como ocorre o surgimento de fluxos das mais diversas naturezas no contexto internacional e como tais se desenvolvem.

Em maior ou menor grau, diversos acadêmicos vêem nossa era como uma na qual o Estado "territorializado", que teria sido dominante na política mundial por quatro séculos desde o final da era feudal, está sendo eclipsado por atores não territoriais como corporações multinacionais, movimentos sociais transnacionais, e organizações internacionais. (KEOHANE; NYE, 1993, p. 402; tradução livre)¹

Assim, podemos perceber, como contexto mais amplo para análise a partir da teoria de Interdependência Complexa, um quadro internacional de verdadeiras complexos, caracterizado por intensa multiplicidade de atores bem como de temas nos quais se envolvem.

¹ No original: "To greater or lesser extent, a number of scholars see our era as one in which the territorial state, which has been dominant in world politics for the four centuries since feudal times ended, is being eclipsed by nonterritorial actors such as multinational corporations, transnational social movements, and international organizations".

Segundo Keohane e Nye (1993),

dependência significa um estado de ser determinado ou significativamente afetado por forças externas. Interdependência, mais simplesmente definida, significa dependência mútua. Interdependência na política mundial refere-se às situações caracterizadas por efeitos recíprocos entre países ou entre atores em diferentes países. Estes efeitos resultam freqüentemente de transações internacionais – fluxos de dinheiro, bens, pessoas ou mensagens através de fronteiras internacionais. Tais transações aumentaram de forma dramática desde a Segunda Guerra Mundial. (KEOHANE; NYE, 1993, p. 403; tradução livre)²

No entanto, essas transações não são, a princípio, o mesmo que interdependência. Para se caracterizar situação de interdependência devem ser levados em consideração os custos a ela associados, custos esses que são impostos por um determinado ator a outro ou pela própria situação específica em que se relacionam. Dessa forma, onde houver custos recíprocos para essas transações haverá interdependência. A simples interconexão entre interesses, onde não haja envolvimento de custos ou constrangimentos entre os atores, não pode ser caracterizada como situação de interdependência. Essa distinção é vital ao procurarmos compreender a interdependência em seu aspecto político (KEOHANE; NYE, 1993, p. 404), pois não há como haver qualquer tipo de relação de natureza política sem que haja imposição de limites de um ator a outro, limites esses que, em última instância, envolveriam custos e constrangimentos.

Duas diferentes perspectivas podem ser adotadas ao se analisar custos e benefícios em uma relação de interdependência. A primeira concentra-se nas idéias de ganhos coletivos ou perdas coletivas das partes envolvidas. A outra sugere a idéia de ganhos relativos, que pondera as perdas ou benefícios de acordo com características de cada ator em questão, ou seja, mesmo com ganho mútuo, alguns atores envolvidos ganham mais e outros menos, dependendo das condições em que contextualizam suas ações e procuram satisfa-

² No original: "dependence means a state of being determined or significantly affected by external forces. Interdependence, most simply defined, means mutual dependence. Interdependence in world politics refers to situations characterized by reciprocal effects among countries or among actors in different countries. These effects often result from international transactions – flows of money, goods, people, and messages across international boundaries. Such transactions have increased dramatically since World War II".

...r seus objetivos, tendo seu poder de barganha como fator fundamental nesse contexto.

De acordo com Keohane e Nye (1993), há outra idéia fundamental ao se contextualizar a idéia de interdependência, que seria a diferenciação entre simetria e assimetria no interior do sistema:

...assimetrias na dependência são mais prováveis de prover fontes de influência para atores em suas transações uns com os outros. Os atores menos dependentes podem freqüentemente usar sua relação de interdependência como uma fonte de poder de negociação sobre um determinado tema e talvez afetar outros temas. Já no outro extremo da simetria pura vem a dependência pura; (...) mas isto também é raro. A maioria dos casos encontra-se entre esses dois extremos. E este é o lugar onde o coração do processo de negociação política de interdependência se encontra. (KEOHANE; NYE, 1993, p. 405; tradução livre)³

O conceito de assimetria se refere à desigualdade e hierarquia de forças existentes no meio internacional, de forma a caracterizar maior ou menor poder de barganha por parte de determinados atores no interior do sistema. Dessa forma, pode-se considerar certos Estados em que, aliado ao alto grau de assimetria, há também alto grau de vulnerabilidade ao meio externo, vulnerabilidade esta caracterizada a partir, por exemplo, de seus próprios atributos internos ou sua baixa capacidade de barganha no meio externo. Assim, esse Estado tornar-se-ia mais sensível a mudanças de caráter externo, pois não seria suficientemente capaz de lidar com determinados fluxos sem ser por eles influenciado.

Há de se considerar, igualmente, no contexto desse ambiente transnacional, alguns fatores que determinariam o posicionamento dos Estados a partir da consideração dos variáveis níveis de simetria/assimetria na contextualização de suas ações. Fatores como avanços científicos e tecnológicos, bem como a crescente circulação de mercadorias e símbolos, a simultaneidade dos ciclos financeiros e a ampliação do número de atores e temas fazem com que o meio internacional contemporâneo adquira um caráter de maior intercâmbio

³ No original: "it is asymmetries in dependence that are most likely to provide sources of influence for actors in their dealings with one another. Less dependent actors can often use the interdependent relationship as a source of power in bargaining over an issue and perhaps to affect other issues. At the other extreme from pure symmetry is pure dependence; (...) but it too is rare. Most cases lie between these two extremes. And that is where the heart of the political bargaining process of interdependence lies".

entre os atores, de forma a facilitar a penetração de fluxos das mais diversas naturezas para o interior das fronteiras estatais, mesmo que os Estados não estejam inseridos diretamente naquele tema ou contexto específico.

A idéia de Interdependência Complexa parte do princípio de que as ações e interações no interior do sistema têm efeito recíproco, não havendo hierarquia entre os efeitos, de forma que o que acontece a um ator tem reflexos em outros e vice-versa. Devido a esses efeitos recíprocos das interações no sistema internacional, a importância das fronteiras é reduzida, o que inevitavelmente leva a uma diminuição no nível de autonomia estatal.

De acordo com Keohane e Nye (1993, p. 407), o fenômeno da Interdependência Complexa possui três características principais: participação direta também de atores não-estatais (por meio de canais específicos) nas decisões políticas no meio internacional; ausência de uma clara hierarquia entre interesses ou temas nesse contexto; relativização da força como principal meio de imposição de interesses na política internacional.

Considerando-se a maior participação de atores não-estatais no meio internacional, podemos caracterizar a multiplicidade de canais conectando as sociedades por diversos meios, entre os quais

laços informais entre elites governamentais bem como arranjos formais entre órgãos estatais de relações exteriores; laços informais entre elites não-governamentais (face a face e através das telecomunicações); e organizações transnacionais (tais como bancos ou corporações multinacionais). Esses canais podem ser sumarizados como relações interestatais, transgovernamentais e transnacionais. As relações interestatais são os canais normalmente assumidos pelos realistas. Transgovernamental aplica-se quando se relaxa a suposição realista de que os Estados agem coerentemente como unidades; transnacional aplica-se quando se relaxa a suposição que os Estados são as únicas unidades. (KEOHANE; NYE, 1993, p. 407; tradução livre)⁴

Ao analisarmos o mundo contemporâneo à luz desse fenômeno, podemos perceber que os fluxos de interesses que se realizam no meio internacional

⁴ No original: "informal ties between governmental elites as well as formal foreign office arrangements; informal ties among nongovernmental elites (face-to-face and through telecommunications); and transnational organizations (such as multinational banks or corporations). These channels can be summarized as interstate, transgovernmental, and transnational relations. Interstate relations are the normal channels assumed by realists. Transgovernmental applies when we relax the realist assumption that states act coherently as units; transnational applies when we relax the assumption that states are the only units".

não possuem uma tendência fixa de comportamento, não respeitando, por conseqüência, padrões definidos de ações ou resultados. Isso quer dizer que, enquanto outrora a maioria dos fluxos de interesses internacionais se dava no âmbito interestatal, hoje há a participação crescente de demais atores, de diversas naturezas, não necessariamente estatais, como agentes verdadeiramente atuantes no meio internacional, tendo sempre o fator “poder de barganha” como condicionante dos resultados de suas ações.

Outra idéia fundamental no contexto da Interdependência Complexa é caracterizada pela multiplicidade de temas em debate no meio internacional, temas estes que, por sua vez, não estão arrançados, de maneira clara ou consistente, de forma hierárquica. Como bem salientam Keohane e Nye (1993),

esta ausência de hierarquia entre temas significa, entre outras coisas, que a segurança militar não domina consistentemente a agenda. Muitos temas surgem a partir do que se costumava considerar política doméstica, e a distinção entre temas domésticos e estrangeiros torna-se obscura. Esses temas são considerados em diversos departamentos governamentais (não somente em órgãos de relações exteriores), e em diversos níveis. Uma coordenação política inadequada desses temas envolve custos significativos. Temas diferentes geram coalizões diferentes, tanto dentro dos governos como através deles, e envolvem diferentes graus de conflito. (KEOHANE; NYE, 1993, p. 407; tradução livre)⁵

Assim, pelo menos aparentemente, não há subordinação dos demais temas e fluxos de interesses à questão da segurança militar. A emergência de fatores extramilitares como focos de discussão no meio internacional é, portanto, um dos fatores de relevância ao se analisar a era contemporânea à luz da teoria de Interdependência Complexa. Ainda, como bem observado em 1975 pelo Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger,

o progresso ao se tratar da agenda tradicional não é mais suficiente. Um novo e sem precedente tipo de tema emergiu. Os problemas de energia, recursos,

⁵ No original: “this absence of hierarchy among issues means, among other things, that military security does not consistently dominate the agenda. Many issues arise from what used to be considered domestic policy, and the distinction between domestic and foreign issues becomes blurred. These issues are considered in several government departments (not just foreign offices), and at several levels. Inadequate policy coordination on these issues involves significant costs. Different issues generate different coalitions, both within governments and across them, and involve different degrees of conflict”.

meio-ambiente, população, usos do espaço e dos mares agora disputam espaço com questões de segurança militar, ideologia e rivalidade territorial, que tradicionalmente compunham a agenda diplomática. (KISSINGER, 1975; tradução livre)⁶

Deve-se ressaltar que essa multiplicidade de atores e interesses não vem diminuir absolutamente o poderio dos Estados no meio internacional, mas vem de certa forma relativizá-lo, pois o Estado é, ainda e sobretudo, o detentor legítimo do monopólio do uso da força. Essa relativização do poder do Estado ocorreria, portanto, devido ao sem-número de situações advindas das formas contemporâneas de inserção dos atores no meio internacional, fazendo com que o uso da força, a partir da ausência de hierarquia entre os diversos temas e as questões de segurança militar, venha a exercer papel menos decisivo no contexto internacional.

A força militar poderia, por exemplo, ser irrelevante na resolução de conflitos de interesses com relação a temas econômicos entre membros de uma aliança, e ao mesmo tempo ser muito importante para as relações políticas e militares daquela aliança com um bloco rival. Para o primeiro esta condição de Interdependência Complexa seria encontrada; para o último, não. (KEOHANE; NYE, 1993, p. 407; tradução livre)⁷

No entanto, não se deve considerar, devido à relativização do papel exercido pela força estatal nesse contexto, que as sociedades estejam menos preocupadas com questões relativas à segurança. Pelo contrário, as sociedades têm ainda grande preocupação com a idéia de segurança coletiva, o que fica demonstrado por meio dos inúmeros pactos regionais de segurança. O poder dos Estados é, nesse caso, também um mecanismo para se manter a estabilidade do sistema.

A teoria de Interdependência Complexa sugere que as ações que se dão no meio internacional ocorrem tanto entre atores não-estatais entre si, quan-

⁶ No original: "progress in dealing with the traditional agenda is no longer enough. A new and unprecedented kind of issue has emerged. The problems of energy, resources, environment, population, the uses of space and the seas now rank with questions of military security, ideology and territorial rivalry which have traditionally made up the diplomatic agenda".

⁷ No original: "Military force could, for instance, be irrelevant to resolving disagreements on economic issues among members of an alliance, yet at the same time be very important for that alliance's political and military relations with a rival bloc. For the former relationships this condition of complex interdependence would be met; for the latter, it would not".

o desses com atores estatais ou também, exclusivamente, entre os últimos. Como salientam Keohane e Nye (1993),

os múltiplos canais de contato encontrados na Interdependência Complexa não são limitados a atores não-governamentais. Contatos entre as burocracias governamentais podem não somente alterar suas perspectivas, mas conduzi-las a coalizões transgovernamentais em questões políticas particulares. (KEOHANE; NYE, 1993, p. 416; tradução livre)⁸

Assim, não há um parâmetro fixo para se produzir um certo tipo de ação, há apenas a montagem de uma situação mais ou menos favorável à produção de resultados que correspondam aos interesses dos atores envolvidos e suas expectativas de ganhos. O poder de certos atores em conduzir uma ou outra situação à realização de seus interesses está intrinsecamente ligado ao seu poder político diante do próprio meio internacional, poder político esse encarado como a própria capacidade de barganha a partir de disponibilidades e características dos próprios atores, que, dependendo da situação criada, podem variar constantemente. Nota-se, assim, que essa nova conformação do meio internacional e o modo como os diversos atores nele interagem é o que paulatinamente leva os Estados a reverem seus papéis e campos de atuação, passando a considerar temas, que não segurança, também relevantes a suas tomadas de decisões.

Segundo a teoria de Interdependência Complexa, podemos notar dois tipos diferentes de modalidades quanto aos efeitos produzidos pelas ações no meio internacional, quais sejam: efeito global e efeito transnacional. Uma ação de efeito global seria aquela produzida em um sistema com alto grau de unicidade, de forma que a ação de um ator em determinado contexto pode provocar efeitos sentidos universalmente, o que pode ser notado de forma clara, por exemplo, ao se tratar de questões relativas ao meio ambiente. Por outro lado, efeito transnacional seria derivado de um sistema de caráter mais heterogêneo, cujo efeito da ação de determinado ator seria somente sentido por aqueles atores partícipes de determinado tema ou contexto, não mais pelo sistema como um todo, como, por exemplo, considerando-se questões relativas a ajustes tarifários intrabloco econômicos.

⁸ No original: "the multiple channels of contact found in complex interdependence are not limited to nongovernmental actors. Contacts between governmental bureaucracies charged with similar tasks may not only alter their perspectives but lead to transgovernmental coalitions on particular policy questions".

Uma consideração de extrema importância que deve ser feita a respeito da teoria de Interdependência Complexa, que pode ser também notada com clareza no mundo contemporâneo, é a relativização da ordem doméstica dos Estados, de forma que, por muitas vezes, o âmbito local se confunde com o âmbito global. Isso quer dizer que, dada a maior participação de atores de diversas naturezas como produtores de ações visando à satisfação de interesses no meio internacional, o caráter de “dentro” ou “fora” do Estado associado à ação de um ator por muitas vezes se confunde, dada a situação específica. Por exemplo, uma ação de caráter estritamente local de determinado ator pode chegar a produzir resultados de caráter global, da mesma forma que ações desenvolvidas em caráter global podem também provocar efeitos internos a certos Estados e sociedades, que por muitas vezes nem sequer têm conhecimento ou fazem parte daquele contexto específico.

Percebe-se, portanto, uma situação de relativa porosidade das fronteiras estatais no mundo contemporâneo, de forma que, ao se produzir uma ação, tanto no meio local quanto global, não há como se prever os resultados dessa situação como um todo, o que dependerá, em cada caso específico, da composição de fatores estruturais e de força dos atores envolvidos ou, numa análise mais ampla, pode depender até mesmo de atores não diretamente envolvidos.

A relação nesse contexto, por exemplo, entre grupos e indivíduos que se conectam além fronteiras, sem a possibilidade de repressão por parte do Estado, é outro fator importante ao se analisar essa relativa redução do poder estatal diante dos fluxos que se dão para dentro e fora de seu território. A falta de controle do Estado sobre certos fluxos que transpassam suas fronteiras deixa evidente a relativa redução do poder estatal no mundo contemporâneo. Essa falta de controle estatal sobre os fluxos que vêm e vão através de seus limites territoriais é, em parte, o que permite e justifica a estruturação de grupos que perpassam essas fronteiras, organizando-se em redes de cooperação transnacional, que constituem base para a idéia de articulação em rede entre atores transnacionais, que se pretende erigir.

A formação de um ambiente transnacional pode ser igualmente compreendida a partir da idéia de constituição da sociedade internacional na não-contigüidade física, de forma que, enquanto os Estados compreendem espaços físicos territorialmente configurados, a não-contigüidade pressupõe um espaço apenas interativo independentemente de demarcação geográfica e/ou territorial. Essa idéia permite englobar os fluxos de toda espécie que se dão

ntre atores no meio internacional, não mais levando em consideração fatores puramente geográficos ou locais, o que não quer dizer absolutamente que esses fatores tenham sua importância reduzida, mas relativizada.

Ao não considerar a contigüidade física como requisito para interação,⁹ a conceituação de transnacionalidade nos leva à intuição de um espaço de trocas que se convencionou chamar “não-lugar”.¹⁰ Assim, o ambiente transnacional atravessa diferentes níveis de integração, de tal forma que é extremamente difícil relacioná-lo a algum território circunscrito. Seu espaço, segundo Ribeiro (2000, p. 108), só pode ser concebido como difuso e disseminado numa teia, na qual a interação se dá num plano virtual, extraterritorial, que se esvai à medida que não existam mais interesses ou objetivos em comum num determinado contexto. Dessa forma,

o nível de integração transnacional (...) não corresponde a realidades territoriais como os outros níveis. De fato, o transnacionalismo manifesta-se tipicamente por uma articulação diferente do espaço-real e pela criação de um novo domínio de contestação política e de ambiente cultural que não são equivalentes ao espaço que normalmente experimentamos. (ESCOBAR *apud* RIBEIRO, 2000, p. 108)

Esse novo ambiente propiciado pelo transnacionalismo intrínseco às relações internacionais contemporâneas é, portanto, o que permite que novos atores, estatais ou não, estejam em constante contato uns com os outros, possibilitando assim o surgimento de interações das mais diversas naturezas.

Uma das formas de interação nesse novo ambiente ocorreria por meio das trocas, cuja fluidez ocorreria a partir dos interesses e disponibilidades dos atores quanto ao fluxo de um determinado bem, seja esse tangível ou intangível. Os fluxos ora tratados, quando ocorrem de forma disseminada dentro de um mesmo contexto, envolvendo diversos atores, podem adquirir o for-

⁹ Na teoria sociológica, por interação entende-se, em geral, uma relação entre dois ou mais indivíduos no decurso da qual estes últimos modificam reiteradamente os respectivos comportamentos, por forma a terem em conta as respostas dos outros indivíduos, quer antecipando-se, quer adequando-se, depois de terem sido postos efetivamente em ação. A interação estabelece um contato entre os indivíduos e implica uma troca de mensagens que não se desenrola forçosamente de modo totalmente consciente (MELA, 1999, p. 217).

¹⁰ Um espaço que não cria identidade singular ou relacional, que não integra nada, apenas autoriza a coexistência de individualidades distintas, similares e indiferentes umas das outras (AUGÉ *apud* MELA, 1999, p. 225).

mato de uma teia ou rede. Uma rede seria, assim, uma das formas de se analisar esses fluxos entre os atores, sendo que elas podem adquirir morfologias das mais variadas, dependendo tanto da natureza do objeto em movimento quanto do aparato analítico ao qual a rede melhor se adapta, posto que essa é, sobretudo, uma forma de se abordar a realidade.

A ÓTICA DE REDES¹¹

Estruturalmente, uma rede é constituída por “nós” e “arcos”. Nós são pontos singulares que podem ser constituídos por qualquer tipo ou forma de entidade, individual ou coletiva, com características variáveis, que venha a participar de um ambiente de interação como gerador de fluxos, remetendo ou recebendo de outros determinado objeto de troca. Já os arcos, ou seja, as ligações entre os nós, são a expressão de relação entre os atores ou de fluxos de permuta entre eles.¹²

Esses arcos, que dão formato de rede aos fluxos, podem ser caracterizados de três maneiras, quais sejam: monodirecionais, em que há a existência de permuta em única direção; bidirecionais sobrepostos/justapostos, em que há a permuta em duas direções, remetendo à idéia de equivalência; arcos bidirecionais paralelos, em que há permuta em duas direções, remetendo à idéia de compensação (MELA, 1999, p. 227). Assim, para qualquer tipo de rede há leis específicas que ligam as variáveis de qualquer nó e as ligações que lhe são incidentes (ROSENSTIEHL, 1984, p. 229). A análise a partir dessas modalidades será fundamental ao se procurar montar uma estrutura de análise das relações internacionais contemporâneas a partir da perspectiva de redes.

Segundo Mela (1999, p. 227), as redes sociais ainda podem ser analisadas em três modalidades distintas. A primeira delas seria a análise a partir de

¹¹ As bases da análise das redes sociais (*network analysis*) foram estabelecidas, inicialmente, pela escola antropológica de Manchester (MUTTI, 1996). Uma das primeiras aplicações refere-se ao contexto assaz limitado de uma aldeia norueguesa (BARNES, 1954). Para descrever a estrutura das relações de conhecimento direto entre os habitantes, BARNES serve-se do conceito de rede social, de que oferece uma definição intuitiva: “Imagino uma série de pontos, alguns dos quais unidos por linhas. Representam os indivíduos ou, por vezes, grupos, e as linhas indicam que as pessoas agem entre si. Podemos certamente pensar que toda a vida social constitui uma rede desse tipo” (MELA, 1999, p. 226).

¹² Uma ligação é incidente a dois nós, e segundo os casos é orientada dum nó para o outro ou não (ROSENSTIEHL, 1984, p. 229).

uma rede egocentrada, em que, num primeiro momento, concentra a análise em torno de um nó específico (ego), partindo-se então à análise das ligações desse com cada um dos demais nós da rede. Isso concluído, passa-se ao próximo nó, procedendo-se da mesma forma, excetuando-se sua ligação com o primeiro, que já terá sido analisada no primeiro instante. Passa-se, assim, ao terceiro nó e assim sucessivamente até que se completem todas as ligações da rede, obtendo-se, dessa forma, por meio da constante construção/desconstrução e síntese de modalidades de ligações possíveis, tanto as relações globais que se dão no interior de determinada rede como as relações singulares entre atores em campos específicos.

Uma outra modalidade de análise de redes pode ser caracterizada pela idéia de rede parcial. Por meio desse modelo, consideramos primeiramente um campo específico na estrutura global da rede, analisando-se, assim, as ligações de uma determinada natureza no interior desse campo, o que nos levaria à síntese de ligações em um campo específico de natureza singular.

A terceira modalidade seria uma rede egocentrada parcial, que é caracterizada pela fusão das duas anteriores; toma-se um nó específico, como na rede egocentrada, mas, porém, a análise é feita a partir de ligações exclusivas de determinada natureza a partir do nó escolhido, passando-se aos nós posteriores até que se complete a análise da totalidade das interações naquele campo específico da estrutura global, obtendo-se, assim, síntese de ligações de natureza singular em um campo delimitado.

Uma vez definida a rede, pode estudar-se a sua estrutura e as suas propriedades. Uma vantagem da representação da estrutura relacional em termos de redes reside na possibilidade de se aplicar métodos analíticos formalizados. (...) Além disso, a rede pode ser estudada tanto na sua dimensão estática como na dinâmica. (MELA, 1999, p. 227)

Segundo Mela (1999, p. 228), as redes sociais dispõem de algumas propriedades, dentre as quais sua densidade: quanto maior o número efetivo de relações dentre o montante possível de relações, maior a densidade de uma rede. Da mesma forma, quanto menor o número de ligações efetivas dentre as possíveis, menor a densidade da rede.¹³ O conjunto de nós em uma rede

¹³ Como exemplo, imaginemos uma rede que possua 5 nós. Se todos os nós estiverem ligados uns aos outros, os arcos possíveis seriam em número de 10. Caso se observe que existem apenas 6 ligações presentes na rede, diz-se que a densidade da rede é 6/10, ou seja, 0,6. Da mesma forma, se existem 10 ligações onde 10 ligações são possíveis, diz-se que esta rede é totalmente densa, com nível de densidade igual a 1.

que concentra maior densidade, ou seja, que dá o maior número de relações efetivas dentre as relações possíveis é denominado conventículo.

Segundo Mela (1999),

uma rede pode (...) dividir-se em subconjuntos, caracterizados por diferentes densidades: por exemplo, em torno de alguns nós da rede podem observar-se conventículos, enquanto outras podem ter menor densidade. Esta (...) é uma propriedade que depende unicamente de caracteres formais da rede, entre os quais a numerosidade dos indivíduos e a das relações que os unem. (p. 228)

Uma outra propriedade intrínseca às redes é relativa à sua intensidade, podendo nesse sentido serem caracterizadas como redes de laços fortes ou fracos (MELA, 1999, p. 229). Laços fortes significam haver ampla partilha de interesses de vários tipos e também estabilidade das ligações entre os atores, isso devido ao grande empenho e vontade das partes em participar da rede. Um laço fraco seria o exato contrário, ou seja, caracterizar-se-ia pelo caráter esporádico e temporário das ligações, partilha específica de interesses e baixo grau de empenho em participar da rede por parte dos atores.

Além das propriedades formais e as relativas ao conteúdo social, as redes distinguem-se pela propriedade espaço-temporal. Isto deriva do fato de os indivíduos se ligarem a outros, até formarem redes, através dos comportamentos interativos, que (...) implicam a coordenação espacial e temporal das ações. A rede assim constituída possui, pois, uma valência espaço-temporal intrínseca – as interações entre os indivíduos sucedem-se no quadro de âmbitos locais específicos e a sua repetição obedece a ritmos temporários que são significativos para a caracterização da rede. (MELA, 1999, p. 229)

Quanto à natureza das interações, podemos caracterizá-las como contínuas ou descontínuas. Natureza contínua é referente à interação em co-presença, com solidariedade explícita entre os atores, de forma que a rede tende a ser contida num espaço geográfico “local” dotado de contigüidade entre as partes que o constituem, de dimensões limitadas. Natureza descontínua, por outro lado, é referente à interação ocorrida a distância, de forma que a rede põe em contato recíproco indivíduos que operam em entidades espaciais não contíguas, situadas em pontos do território distantes entre si (MELA, 1999, p. 229).

Entre as diversas teorias¹⁴ de redes, a que melhor se adapta à idéia de mo-

¹⁴ As redes possuem regras de funcionamento muito específicas, estudadas necessariamente de modo separado (ROSENSTIEHL, 1984, p. 235).

vimento de um determinado objeto através do fluxo é a chamada “rede de transporte”, na qual

um tipo de mercadoria única circula na rede, tendo cada ligação em qualquer direção um valor máximo, ou capacidade. (...) Cada nó tem inicialmente um excedente ou um déficit de mercadoria fixo, correspondendo o total dos excedentes ao total dos déficits. A circulação da mercadoria deve satisfazer os déficits graças aos excedentes. A regra local é a equação de equilíbrio de Kirchhoff.¹⁵

Uma interação nesse meio, portanto, somente pode vir a ocorrer se há, por parte de um ator, o déficit ou necessidade de determinado bem, enquanto haja superávit ou sobra do mesmo bem por parte de outro, sendo esse um pressuposto para qualquer análise de interação considerada do ponto de vista transnacional, especialmente analisando-se a partir da idéia de redes de transporte. Uma boa noção desse conceito pode ser assimilada por meio da análise dos fluxos internacionais de comércio, que se configuram e tomam forma com base em características específicas em termos de déficit ou superávit de determinado bem por parte dos atores em interação.

• Uma outra teoria de redes que também mostra pertinência se pensada no contexto contemporâneo das relações internacionais é a chamada “rede de fila de espera”, que se caracteriza principalmente por duas noções básicas: a primeira delas sugere que em cada nó da rede há uma estação de serviço, cujos objetos encaminhados sofrem um tratamento de duração determinada ou aleatória depois do qual são expedidos, segundo a sua natureza, sobre uma das ligações de saída (ROSENSTIEHL, 1984, p. 236), o que geraria uma fila de espera de extensão aleatória. A forma como as grandes corporações multinacionais operam seus negócios pode ser analisada a partir desta ótica, considerando-se, especialmente, a constante descentralização de seus processos produtivos.

¹⁵ As leis de Kirchhoff, anunciadas em 1845, permitiram o cálculo de correntes, tensões e resistências em circuitos elétricos com laços múltiplos, estendendo o trabalho de Ohm. Kirchhoff considerou redes elétricas como consistindo de circuitos unidos em nós e intuiu leis que reduzissem o cálculo das correntes em cada laço à solução de equações algébricas, de forma que a soma das correntes em um dado nó é igual à soma das correntes fora desse nó (Tradução livre de <http://www-groups.dcs.st-and.ac.uk/~history/Mathematicians/Kirchhoff.html> – Escola de Matemática e Estatística da Universidade de St. Andrews – Escócia).

A outra noção da rede de fila de espera se daria a partir de uma comparação com redes de linhas telefônicas: nesse caso, poderia considerar-se um canal de grande capacidade que se ramificaria em pequenos canais de distribuição de fraca capacidade, de forma a caracterizar uma multiplicidade de canais que propiciariam ao objeto em circulação, em caso de bloqueio de um dos canais, atingir seu nó de destino por um outro canal. O tráfico internacional de drogas hoje existente, por exemplo, dada a crescente ramificação e capilaridade à medida que se percorre a extensão de sua rede, pode ser analisado a partir dessa ótica. A obstrução, por parte dos Estados, a determinados canais de distribuição utilizados pelo tráfico internacional de drogas provoca redirecionamento dos fluxos pelos demais arcos de sua rede.

A abordagem contemporânea dos fluxos transnacionais em muito se assemelha à forma adquirida pelas redes tanto de transporte quanto de fila de espera. Quando há uma ligação contínua a partir da qual fluem objetos, e a partir da idéia de déficit e superávit já apresentada, pode-se inferir de forma consistente a existência do fluxo, que se caracteriza, portanto, pelo deslocamento de um determinado objeto (tangível ou não) no tempo, de um lugar para o outro, caracterizando-se, assim, sua redistribuição territorial (HANNERZ, 1997, p. 11).

Fator importante a se considerar ao procurar a compreensão desses fluxos no contexto de um ambiente transnacional, semelhante a pontos fundamentais na conceituação da teoria de Interdependência Complexa já tratados, é a relação de assimetria (HANNERZ, 1997, p. 14) e simetria quanto à distribuição do objeto pelo fluxo. Mesmo no espaço virtual¹⁶ criado pelo ambiente transnacional não se pode perder de vista a justaposição de forças entre atores e seu maior ou menor poder de barganha em determinados aspectos, o que pode, por vezes, determinar sua capacidade de direcionar o objeto no interior do fluxo, dado o jogo de forças no meio internacional, também discutido anteriormente.

Nesse contexto, podemos perceber alguns limites à idéia de continuidade dos fluxos, que seriam obstáculos oriundos de especificidades dos próprios atores partícipes de determinada interação.

¹⁶ Espaço virtual compreendido como o *loco* de interação entre os atores que se forma na não-contigüidade física, não havendo necessariamente entre eles co-presença ou contato próximo.

Pode-se argumentar que, se o fluxo (...) estacionou de algum modo em algum lugar, onde existe uma descontinuidade na distribuição de significados e/ou formas significativas entre indivíduos e relações sociais, então identificamos um limite (...) (HANNERZ, 1996, p. 17)

Um desses limites pode ser caracterizado pela idéia do princípio da estrangeiridade, que surge do juízo dos atores ao analisar os participantes de determinado fluxo, fazendo distinção entre o "eu" e o "outro". Essa distinção pode ser caracterizada por instrumentos específicos e/ou ideologias de que os atores dispõem e que possam vir a dificultar o fluxo ou provocar descontinuidade em sua ligação. A descontinuidade no fluxo pode ainda ser estabelecida por variáveis como interpretações e esquemas locais de significação, sua demarcação física e/ou simbólica ou até mesmo a interferência de um terceiro ator de forma a prejudicar a fluidez em determinado fluxo.

Outras conceituações ainda importantes a se fazer nesse contexto ocorreriam a partir das idéias de fronteira e zonas fronteiriças presentes na concepção de fluxos. Pode-se intuir a idéia de fronteira de diversos modos: primeiramente tida como contenção, ou seja, limite físico propriamente dito, que separa e demarca a área própria a determinado ator; pode também ser percebida como zona ecológica, que nesse contexto significa demarcação daquilo que tem ou não importância e significado num determinado contexto; por fim, a caracterização dessa idéia passa também pela concepção de fronteira do conhecimento, que seria caracterizada pelas mediações daquilo que é conhecido/desconhecido, bárbaro/civilizado, sempre considerados a partir do ponto de vista dos atores partícipes dos fluxos.

Zonas fronteiriças, por sua vez, seriam espaços de interação caracterizados por não pertencimento a tipo algum de delimitação física qualquer que seja, caracterizando-se pelo surgimento de um terceiro e novo lugar de interação, oriundo das interseções de espaços delimitados pelos atores. Seria gerado, assim, um ambiente para inter-relações não pertencente, delimitado ou influenciado pelos espaços anteriores, área esta que se constituiria no exato *locus* em que são efetuadas as trocas num ambiente transnacional.¹⁷

Esse ambiente e os fluxos nele contidos, portanto, quando analisados a partir da perspectiva de redes, podem ser estruturados de forma bastante

¹⁷ Fronteiras e zonas fronteiriças, diferentemente da idéia de limite, não implicam linhas nítidas e sim regiões, nas quais uma coisa gradualmente se transforma em outra, onde há indistinção, ambigüidade e incerteza (HANNERZ, 1996, p. 20).

concisa e, sobretudo, pertinente à sociedade internacional contemporânea em suas mais diferentes formas de interação. A multiplicidade de atores em constante relação no meio transnacional bem como a multiplicidade de fluxos em que esses se relacionam, ao tomarem forma de rede, levam-nos a intuir uma forma de abordagem bastante interessante ao se procurar tratar dos fenômenos recentes no campo das Relações Internacionais. Por meio da idéia da constituição de redes podemos perceber, de maneira consistente e estruturada, a forma como se dão os fluxos, das mais diversas naturezas, presentes no mundo contemporâneo.

As relações internacionais travadas na contemporaneidade são, em maior ou menor medida, influenciadas pela ampla gama de novas possibilidades, atores e circunstâncias pelo meio internacional experimentados. Considerando-se a teoria de Interdependência Complexa nesse contexto, procurou-se observar as mudanças ocorridas a partir dessa nova configuração do meio internacional, caracterizado, especialmente, pela emergência de atores não-estatais como entidades centrais ao sistema e pela relativização do papel do Estado diante dessas mudanças.

A abertura, portanto, desse espaço de trocas outrora impensável no meio internacional é o que possibilita a articulação de atores através da estruturação de redes, que se distribuem em nós que obedecem a própria assimetria existente no sistema internacional. Como se procurou evidenciar, a abordagem a partir da idéia da constituição de redes não só se demonstra com uma notável fecundidade em aplicações de caráter técnico, mas se revela cada vez mais um aspecto unificador que a torna particularmente relevante na própria modelização dos fenômenos sociais, o que denota sua extrema pertinência como sólido instrumental de análise trazido ao campo das Relações Internacionais contemporâneas.

ABSTRACT

This article considers the formation of networks as an interesting instrument to analyse transnational phenomena within the scope of International Relations. For such, it takes into account concepts such as transnationalism and complex interdependence and, through them, it endeavours to understand changes in the role played by the state nowadays and its implications for the emergency of transnational actors in the international scenario. It goes on to demonstrate how these concepts imply the articulation of dispersed actors throughout the system, as a possible way of interpreting the phenomenon through the formation of transnational networks. Finally, it suggests and justifies this form of approach as a powerful methodological and analytical instrument brought to the field of contemporary international relations.

Key words: Transnationalism; Complex interdependence; International networks.

Referências

- HALLIDAY, Fred. *Repensando as relações internacionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. In: *Mana: Estudos de Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – Museu Nacional da UFRJ, abr. 1997, v. 3, n. 1.
- KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph. International interdependence and integration & realism and complex interdependence. In: VIOTTI, Paul R.; KAUPPI, Mark V. *International relations theory: realism, pluralism, globalism*. New York: MacMillan Publishing Company; Toronto: Maxwell MacMillan Canada, 1993. p. 384-421.
- KISSINGER, Henry A. *A New National Partnership*, Department of State Bulletin, Washington, 17 fev. 1975.
- MELA, Alfredo. *A sociologia das cidades*. Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Cultura e política no mundo contemporâneo**. Brasília: Editora da UnB, 2000.

ROSENSTIEHL, P. Rede. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 13, **Lógica-Combinatória**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984. p. 228-246.